



Jornal LILÁS

Março de 2020



SINPROJA

Filiado à **CNE** **CUT**
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES



"Que nada nos limite,
que nada nos defina,
que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja nossa
própria substância"



Simone de Beauvoir



O dia 08 de março já é consagrado como o Dia Internacional da Mulher, mas não é um momento de comemorações. Esta data é vivenciada por todo o mês para dar visibilidade às causas feministas e, principalmente, combater o machismo que há muito é impregnado no imaginário social.

O SINPROJA, que não é um sindicato corporativista, muito pelo contrário, tem princípios mais amplos, como o sonho da construção de um mundo mais justo, solidário e igualitário, vem, ao longo de sua história, abraçando as causas das mulheres.

O Jornal Lilás foi criado com a proposta de ser mais um dos veículos de divulgação das ações em combate ao patriarcado que permeia a sociedade brasileira. Esta edição é resultado de uma construção coletiva, trazendo textos informativos e formativos, escritos por mulheres da luta.

Desejamos que a leitura deste jornal possa ampliar os horizontes na construção da igualdade de direitos, incentivando o respeito e a valorização profissional das mulheres.



· **SINPROJA** escolhe uma mulher para fazer parte da executiva da **CUT/PE**: No dia 14 de fevereiro de 2020, aconteceu a posse da nova direção da CUT/PE. A diretoria do SINPROJA marcou presença no evento. A gestão da CUT é especial para o nosso sindicato porque, pela primeira vez, tem uma representação na executiva. É com muito orgulho que apresentamos um dos nossos melhores quadros para contribuir com a luta estadual e nacional. A companheira Eugênia Lemos nos representa enquanto mulher, educadora e sindicalista. Sua participação é resultado de que o **SINPROJA** está fazendo a **CUT** mais forte.



· **Participação do SINPROJA no bloco carnavalesco "Mulheres CUTucando"**: De forma lúdica e irreverente, as mulheres de vários sindicatos da base CUTistas aproveitaram o carnaval para ir às ruas informar, denunciar e protestar. Este ano, com muita animação e energia, disseram **NÃO À VIOLÊNCIA E AO ASSÉDIO**. Outra pauta do bloco foi **ESCRavidão MODERNA**, representada na precarização das novas relações de trabalho, onde não há plano de saúde, férias, aposentadoria, carteira assinada e que tem as mulheres como vítimas majoritárias. O "Mulheres CUTucando" denuncia esta precarização como consequência do voto que colocou no poder um governo de extrema direita. Ao ritmo do frevo, as trabalhadoras CUTistas – entre elas, mulheres do SINPROJA – receberam adesão da população, que se incorporou ao grupo nas ruas do Recife Antigo. O presidente da CUT/PE, o professor Paulo Rocha, acompanhou o bloco, mostrando que tem pique tanto para as lutas quanto para o frevo.

Expediente



SINPROJA

Filiado à **CNE CUT**

Telefone: (81) 3481-1679 / 3482-1744
 Tiragem: 2000
 Gráfica Três Reis
 CNPJ: 24.698.980/0001-06
 Projeto Gráfico: Elizabete Correia (DRT/PE 2762)

Presidente
Ronildo Oliveira

Vice-presidente
Séphora Freitas

Secretaria Geral
Jacqueline Sobral
Rita de Cassia

Sec. de Finanças
José Roberto
Everaldo Santos

Sec. de Assuntos Jurídicos
João Eudes

**Sec. de Políticas Sociais,
Racial e de Gênero**
Elyane Reis
Tamires Carneiro

**Sec. de Aposentados
e Assuntos Previdenciários**
Mavíael Frazão
Maristela Ângelo

Sec. de Formação
Marcelo Galdino
Iron Mendes

Sec. de Imprensa e Divulgação
Dilson Marques
Carol Leal

**Sec. do Grupo Ocupacional de
Apoio Administrativo ao
Magistério (GOAAM)**
José Bandeira

**Sec. de Assuntos
Educacionais e Culturais**
Eugênia Lemos

Sec. de Filiação e Patrimônio
Fred Sales
Ivan José

**Agência Ph Assessoria de
Comunicação**
Jornalista Henrique Lima
(DRT/PE 6239)



ENTREVISTA

Liana Araújo

SECRETÁRIA
DA MULHER
DA CUT/PE

O que significa ser feminista?

Resposta: Há várias concepções de feminismos, mas basicamente, ser feminista é reconhecer e lutar por igualdade entre mulheres e homens: igualdade de direitos, de oportunidades, de ocupação de espaços de poder político, econômico e social, entre outros. Uma vez, vi uma frase numa camiseta que mexeu muito comigo e acho que foi ali que eu descobri que era feminista e nem sabia. A frase era: "Feminismo é a ideia radical de que mulher é GENTE!";

O movimento sindical sempre foi um ambiente predominantemente masculino, com é fazer parte deste meio, ainda mais em uma secretaria de mulheres?

Resposta: O movimento sindical reflete o mundo do trabalho que durante muitas décadas foi um espaço ocupado majoritariamente por homem, pois como resultado de uma construção social, cabia exclusivamente a eles o papel de provedores materiais da família. Às mulheres, ficou reservado o espaço privado, doméstico, dos cuidados. Tudo isso com um nostálgico ar de naturalidade. Esse quadro já tem sofrido alterações dado ao



avanço da luta das mulheres, ainda há uma resistência apoiada na cultura machista que não reconhece as dificuldades das mulheres para participar das atividades sindicais e da direção do sindicato. Por exemplo, a dupla jornada de trabalho, horário de assembleias e reuniões, creches ou atividades lúdicas nos locais de eventos sindicais, pautas de reivindicações que atendam demandas específicas das mulheres. Contudo, estamos avançando e já conseguimos ter mulheres em posições de poder político nos sindicatos, em federações, confederações, na direção da CUT e continuaremos avançando.

Quais as principais pautas de luta das mulheres CUTistas?

Resposta: As lutas são diversas, mas dado os retrocessos trazidos por esse (des)governo, elas foram ampliadas e extrapolam o universo do trabalho, como a redução de políticas públicas, que são instrumentos que contribuem muito para que as mulheres possam ter condições de ingressar no universo do trabalho remunerado, como as creches, da oferta de transporte público de qualidade, escolas públicas, segurança pública, iluminação pública, entre outras; no espaço laboral, temos a luta por salários iguais para funções semelhantes; contra os assédio moral e



sexual, contra a precariedade nos contratos e nos ambientes de trabalho, contra a desproteção social e a reforma previdenciária, entre outras.

Comente os retrocessos enfrentados pelas mulheres com a chegada de um governo federal de extrema direita.

Resposta: É da essência da ideologia política de extrema direita, a pauta moral severa, fundamentalista, conservadora e esse caráter recaem fortemente sobre as mulheres. Quem não está lembrada da manchete da revista Veja, fazendo referência a esposa do ex-presidente Michel Temer: "Recatada e do lar"?

É esse modelo de mulher que a extrema direita quer que as mulheres sigam: Recatada, modesta, sem arroubos e nem questionamentos. Na frase "recatada e do lar" temos duas dimensões: uma política e moral, que seria o adjetivo "recatada", uma definição comportamental, aquela que não ousa, sem arroubos, sem questionamentos, que aceita um papel secundário, sem protagonismo; o segundo termo, "do lar" também pode ser entendido com uma dimensão político-econômica, a que está no espaço do lar pra ser provida, para o trabalho do cuidado com a família, para reprodução, para o trabalho doméstico não remunerado.

Então, para esse modelo de mulher que a extrema direita idealiza e tenta impor através de reduções da presença do Estado nos equipamentos e nos programas públicos, realmente, representa imensos retrocessos! Muito mais para as mulheres negras que vivem em condições mais precárias que as



brancas e para quem a dificuldade de acesso a todos os direitos são muito maiores. Os retrocessos são enormes, mas as mulheres são fortes, são guerreiras e não desistem.

Quais os avanços que a luta das mulheres tem conseguido ao longo dos anos?

Resposta: São incontáveis nossas conquistas, já que uma conquista material, tangível, traz consigo um avanço subjetivo de realização, de potência, de confiança e eleva a autoestima.

Para ser mais direta, citar nossa conquista de ver eleita a 1º presidente do Brasil; de já termos várias companheiras em espaços de poder nos sindicatos, federações, confederações e na direção da CUT; parlamentares, cientistas, trabalhadoras comprometidas com nossas lutas, nossas bandeiras; fomos aos milhares para as ruas e marcamos com as Margaridas, com as Mulheres Negras, por Marielle, contra a reforma trabalhista e da Previdência. Lutamos e lutaremos sempre pela democracia, por direitos para todas e todos, por soberania e por igualdade de oportunidades.

Quais os desafios para o futuro próximo?

Resposta: As palavras de ordem (ou de desordem para a ordem ora estabelecida) são UNIDADE e RESISTÊNCIA. Se a gente se une, não há como ser fraco; se a gente resiste, nos fortalecemos no processo e aprendemos a cada dia uma nova lição. Os desafios são vários e de tamanhos diferentes, mas estamos à altura deles e não arredados o pé! Avançamos!



Mulheres do SINPROJA participam de Ato Unificado em Recife: Como marco do Dia Internacional da Mulher, é tradição que as educadoras sindicalistas mobilizem suas bases e, juntamente com outras trabalhadoras da cidade e do campo, encham as ruas com faixas, pirulitos, carro de som, batucadas e muitos adereços lilás para denunciar o preconceito e a violência que sofrem no cotidiano. A atividade vem crescendo e contando com adesão dos movimentos sociais e estudantis. O SINPROJA, mais uma vez, esteve presente levando sua força na luta por igualdade e justiça social. Nas ruas, o sindicato deu seu recado como faz diariamente em todos os espaços que ocupa. As frases “O lugar de mulher é onde ela quiser” e “Não, é não” foram alguns dos gritos ecoados nas ruas do Recife.

Poema

Abbbbbbb
Joaninha Dias

Meu sorriso é
Festa animada
Noite quente
Dia fervente
Luz na calçada
Paz na caminhada
Manhã de fé
Mergulho na praia
Vento embaixo da saia
Sol na cara
Brigadeiro de colher
Conversa boa
Tempo à toa
Sono tranquilo
Beijo gostoso
Livro bem grosso
Sexo do bom
Carinho no rosto

Bolo de milho
É festa junina
É dançar afoxé
Carnaval em Olinda
Galo da madrugada
É ver Roberta Rodrigues
Num filme da pesada
É ouvir Liniker
Ao vivo na praça
Admirar Iza
Com seu vozeirão
Que emana graça
É ver Taís Araújo
Dando show de interpretação
Assistir Tia Má
Enegrecendo a televisão
É gritar junto à Karol Conka
Que o poder é a nossa missão
É ler Conceição Evaristo
E urrar de satisfação
Lutar no Quarto de Despejo
Ao lado Carolina Maria de Jesus
Se agarrar com Luedji Luna
E se encher de luz...
Meu sorriso? Tudo isso traduz!



TRABALHO PRODUTIVO E REPRODUTIVO NA VIDA DAS MULHERES

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A cultura machista e patriarcal é universalmente conhecida e vivenciada na maioria dos continentes. Cada país aprimora o sistema de acordo com seus princípios culturais, no Brasil não é diferente. Em consequência, acontece a divisão sexual do trabalho, dentro da perspectiva das relações de gênero, cabendo às mulheres o chamado trabalho reprodutivo, que é muito desvalorizado pela sociedade.

Para elas, o grande desafio é conseguir a divisão das tarefas dentro do lar, com o companheiro, filhos e filhas. No entanto, foi definido pela sociedade que o menino precisa cumprir as atividades fora de casa, enquanto a menina aprende as tarefas domésticas, nas quais, em sua maioria, são realizadas pela mulher, que é a chamada dona de casa, que acorda muito cedo e vai dormir muito tarde por conta dessas atividades. Quando o homem faz alguma atividade é considerado o companheiro que ajuda, sem haver a cobrança da responsabilidade cotidiana.

Se a mulher trabalha fora a situação fica mais complicada, pois vai enfrentar a dupla jornada, que é o trabalho produtivo, remunerado, e, ao mesmo tempo, a jornada reprodutiva, desvalorizada, não paga, que só é percebida quando não é realizada. Casa suja, desarrumada, roupa sem passar, pratos sem lavar, banheiros e geladeira sem limpar, chama a atenção e geram ofensas e conflitos.

Se há crianças na casa, a

situação fica ainda mais difícil. Muitas vezes é necessário contratar outra mulher para fazer as tarefas domésticas, mas recorrer a terceiros também pode ser desvantajoso, já que é ela quem terá que dividir sua remuneração, inferior a do companheiro, para pagar a empregada doméstica, passando a ter um salário insignificante. Essa companheira, chamada de secretária, também deixa suas crianças e os afazeres de sua casa para realizar quando chegar à noite, exausta.

Segundo pesquisa da OXFAM de 2017, os 22 homens mais ricos do mundo detêm mais riquezas do que todas as mulheres que vivem na África. 42% das mulheres no mundo não podem ter um trabalho remunerado (produtivo) devido à carga do trabalho doméstico. Dos 67 milhões de trabalhadoras e trabalhadores domésticos em todo mundo, 80% são mulheres.

No mundo, os homens detêm 50% a mais de riqueza do que as mulheres. O valor monetário global do trabalho de cuidado não remunerado prestado por mulheres, a partir da faixa etária de 15 anos, é de US\$10,8 trilhões por ano – 3 vezes maior do que o estimado para o setor de tecnologia no mundo.

Em média, apenas 18% dos ministros de governo e 24% dos parlamentares do mundo são mulheres. 42% das mulheres em idade ativa estão fora do mercado de trabalho, frente a 6% dos homens, o que se deve a responsabilidades não remuneradas pela prestação de

cuidado. A diferença de renda entre homens e mulheres aumenta no auge da idade produtiva das mulheres. A falta de tempo aumenta ainda mais o fosso entre gêneros.

Diante desses números, constatamos que a vida não é fácil para nós, mulheres, principalmente quando assumimos salas de aula em duas ou três escolas. Acordar de madrugada para preparar café e almoço, cuidar das crianças, de alguma pessoa idosa, do companheiro, preparar os planos de aulas, estudar, pesquisar, aturar assédio moral, sexual, racismo, homofobia, ter paciência e concentração com 30, 40 crianças ou adolescentes e alguns diretores incompreensíveis. Aturar trânsito, metrô ou ônibus cheio, irritações, descontroles, assaltos. Chegar em casa à noite, ter que cuidar das pessoas, da casa. Realmente é uma rotina insuportável. A consequência é o desgaste, o estresse, a depressão, o adoecimento. Por tudo isso precisamos nos cuidar e cuidar umas das outras, criando uma corrente de atenção e solidariedade entre as mulheres da categoria. Ninguém solta a mão de ninguém!



Neide Silveira

Professora aposentada,
ex-diretora do SINPROJA



Falar de gênero é falar de relações de poder, relações essas que favorecem e desfavorecem homens e mulheres, respectivamente. O que de fato nos diferencia entre gêneros são dois fatores: o biológico, relacionado às funções do corpo e sexo; e o cultural, ligado às regras estabelecidas pela sociedade, como comportamentos esperados, privilégios e influências.

É o fator cultural que exerce grande poder nas relações de gênero. Desde criança os meninos e as meninas são influenciados a compreender essas relações como definição do sexo biológico ao qual pertence.

A vida privada tem uma interferência direta na vida social, porque toda ação é política e toda cultura é pedagógica, portanto, reproduzimos, algumas vezes, posturas e práticas racistas, machistas, homofóbicas. A sociedade busca naturalizar essas violências, não deixando que sejam vistas, muito menos que incomodem, afinal, são os homens que estão empoderados.

RELAÇÕES DE GÊNERO E PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS ESPAÇOS POLÍTICOS

Em várias culturas imperam a divisão sexual do trabalho, existindo cargos predominantemente masculinos e outros femininos. Os de poder, como as chefias ou na política, visivelmente, a participação da mulher é inferior a do homem. Pesquisas realizadas no mundo todo já acusam esse fato. Como exemplo, temos o caso do Brasil, em que a primeira mulher eleita presidenta foi retirada do seu cargo sem justificativas convincentes. Julgada e condenada sem provas, como nenhum outro homem foi tratado na história política do nosso país.

Quando se fala em trabalho, reconhecemos que temos mais dificuldades que os homens, pois a cultura responsabiliza

sempre a mulher pelo cuidado com a casa e a família, gerando uma carga de tarefas que inviabiliza a participação delas nos diversos espaços sociais e causa adoecimento na vida privada e pública.

Felizmente, ao longo do tempo, as mulheres vêm se conscientizando do seu papel na sociedade e, de forma crítica e organizada, enfrentam as barreiras sociais de exclusão da vida política e econômica, tornando possível transformar algumas ditaduras impostas pela cultura machista e patriarcal.

Os movimentos políticos das mulheres evidenciam a necessidade de afirmação do gênero feminino, com o objetivo de exigir políticas públicas para e com as mulheres, respeito ao gênero, igualdade entre homens, denunciar a violência e o feminicídio.

A vez e a voz de problematizar, questionar e transformar a realidade das mulheres é um sonho cada vez mais crescente, o que justifica o aumento do número de coletivos de mulheres organizados na luta pelos direitos humanos delas. Viva as mulheres! Viva a luta das mulheres!





O PRESIDENTE É INIMIGO DAS MULHERES?

SAMANTHA MEDINA Funcionária pública municipal e estadual. Pós-graduada em Linguística Aplicada a Práticas Discursivas - FAFIRE

Não é novidade para ninguém que o atual presidente Jair Bolsonaro tem o (mau) costume de proferir ofensas em tom de brincadeira direcionadas aos mais diversos grupos (minorias) sociais: Gays, negros, LGBTs, indígenas e mulheres têm sido vítimas do seu discurso de ódio. Em março, mês do Dia Internacional da Mulher, vale a pena lembrar alguns dos absurdos mais icônicos ditos pelo nosso atual presidente, que legitimam a violência contra esses mesmos grupos, sobretudo contra as mulheres, e que devem ser combatidos de todas as formas.

Em dezembro de 2014, Bolsonaro ofendeu a deputada Mara do Rosário (PT-RS), sendo posteriormente condenado a indenizar a petista. Em 2003, Bolsonaro já havia dito, durante discurso na Câmara: “Eu falei que não ia estuprar você (Maria do Rosário) porque você não merece”.

Ora, se a deputada “não merece ser estuprada”, subentende-se na fala do presidente que, para ele, há mulheres que, sim, merecem ser violentadas. Vale lembrar aqui que o corpo da mulher NÃO é público, e que absolutamente ninguém tem o direito de violá-lo, mesmo que o presidente pareça desconhecer ou ignorar essa informação.

Posteriormente, Bolsonaro afirmou que o Brasil não poderia ser um país do turismo gay. Ao falar sobre a imagem do Brasil no exterior, Bolsonaro fez apologia ao turismo sexual: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade”.

Bem, nesse ponto do discurso do presidente, percebe-se o tom machista utilizado para objetificar, mais uma vez, o corpo e a imagem das mulheres brasileiras, além de desmerecer a comunidade LGBTQI+.

Por fim, em março de 2011 a cantora Preta Gil questionou Bolsonaro sobre o que fazer caso seu

filho se apaixonasse por uma negra, ele retrucou: “Ô Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco porque meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu”.

Aqui, talvez, resida a maior demonstração até o momento de racismo contra as mulheres negras que o presidente já proferiu. Para ele, de acordo com o

seu discurso, ter um relacionamento com uma mulher negra seria um sinônimo de “promiscuidade”, o que nos remete diretamente ao pensamento escravista de que as mulheres negras serviriam apenas como objeto sexual ou instrumento de manutenção da casa e dos afazeres domésticos.

Se levarmos em consideração a Análise Crítica do Discurso, pode-se compreender que, através de suas falas machistas, misóginas e racistas, Bolsonaro tende a legitimar comportamentos semelhantes na população por meio de seu discurso contra essas minorias. Como Van Dijk (2000) define, a legitimação como um ato social (e político), que se

concretiza, especificamente na prática discursiva, ou seja, como chefe de estado que detém amplo acesso à mídia, Bolsonaro e seu discurso tendem a estimular um comportamento social que diminui, objetifica e explora as mulheres.

Por esses e outros motivos, é preciso questionar as atuais políticas e os discursos de combate à violência contra a mulher do governo Bolsonaro. Não é mais possível aceitar que um presidente apresente e naturalize discursos que nos diminuam, ofendam e objetifiquem.

Se as palavras funcionam como elementos de mudança social (Fairclough, 2016), mulheres, que essas mudanças sejam ao nosso favor, por uma sociedade menos violenta e mais justa para todas nós.





"QUE AMOR É ESSE?"



Relacionamento abusivo é um assunto que não é novo e faz parte da vida de muitas pessoas. Especificamente, falaremos do relacionamento abusivo entre homens e mulheres.

Muitas mulheres não reconhecem que o seu relacionamento está se tornando abusivo. Na maioria das vezes, por falta de conhecimento, de apoio da família e também pela dependência financeira e/ou emocional em que se encontra em relação ao companheiro, algumas mulheres acabam aceitando, achando normal quando ele começa a falar coisas que diminuem a sua autoestima, proibindo que trabalhe ou estude. Expressão de ciúmes, no começo, parece bobagem. Algumas até se sentem envaidecidas, achando que isso é cuidado ou zelo. Escutam que é o "tempero do relacionamento". Pura ilusão. Ciúme, nada mais é do que falta de confiança, junto com o sentimento de posse, que evolui para a violência verbal e física. Isso pode ser um relacionamento abusivo, mas não é tão simples.



Para início de conversa, é importante destacar que o machismo estrutural, no âmbito das relações amorosas, e a reprodução de comportamentos abusivos por gerações familiares, na esfera primordial de formação da personalidade, contribuem, entre outros fatores e causas, para naturalizar e dificultar a identificação de práticas danosas ao psicológico.

Diversos tabus também contribuem para silenciar vítimas de violências, cujos causadores tornam-se entidades intocáveis (família, líderes religiosos, cônjuges), fato que, além de potencializar e propiciar abusos ainda mais graves, dificulta o reconhecimento da situação de abuso, por parte da vítima, que passa a relativizar suas percepções e a se culpar pelo sofrimento imposto pelo abusador.

O homem abusador, geralmente, tem sentimento de superioridade em relação à mulher. É arrogante e relaciona-se superficialmente. No cotidiano com a vítima é mentiroso e, quando quer reconquistar a confiança dela, sabe fingir bons sentimentos. A mulher terá dificuldade em identificar o que há de errado, sequer se dará conta do que está acontecendo, até que esteja num ponto em que não conseguirá mais sair disso sozinha ou em que a violência também tenha chegado a ser física.

Aquelas que passam por um relacionamento abusivo precisam de ajuda para enterrar a mentira, percorrer as profundezas de si mesma, vivenciar o luto daquilo que nunca realmente foi vivido, para que ressurgja das trevas para a luz o que só o conhecimento e a verdade podem fazer florescer.

A mulher vem, ao longo dos anos, quebrando tabus, derrubando barreiras, conquistando mais espaços e se empoderando. A superação de um relacionamento abusivo é mais um grande obstáculo a ser vencido. O caminho é a sororidade, ou seja, a união, a aliança de todas por todas e o engajamento na luta por leis mais severas para homens violentos, covardes e machistas, que cometem crimes contra a moral e a integridade da mulher. *"Companheira me ajude, que eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor"*.

SINAIS DE QUE VOCÊ ESTÁ EM UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

Isolamento de parentes e amigos; bullying; monitoramento; violências patrimonial, moral, psicológica, sexual e física; cárcere privado; destruição da autoestima; controle; desqualificação; dívidas; proibições ou boicote a qualquer oportunidade que possa lhe proporcionar fugir da relação; traições; mentiras; constrangimento público; ciúmes excessivos; agressão verbal; subjugação; ameaças.

ARMAS DO ABUSADOR

Fragilidade financeira e emocional da vítima; campanha de difamação contra a vítima; chantagem; inversão e deturpação da verdade; sexo; acusações que ele sabe que são infundadas para jogar cortina de fumaça quando é pego em mentiras.

O QUE FAZER PARA SAIR DE UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

Procure uma rede de apoio; procure tratamento médico e psicológico; estabeleça contato zero com o abusador; reorganize suas finanças; saia de casa; reconstrua sua vida; conte o que aconteceu a alguém em quem confie; restabeleça suas amizades e prioridades; conheça a si mesmo; volte a fazer as coisas que gosta; ressignifique a sua vida.



<https://grupomadabrasil.com.br/grupo-mada-pernambuco/>

<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/centro-de-referencia-clarice-lispector>
Liga, Mulher: 0800 281 0107 – domingo a domingo, das 7h às 19h.

Atenção: quando necessário, procure ajuda especializada!



ATO DE 9 DE MARÇO 2020





SINPROJA

Filiado à **CNE** **CUT** BRASIL
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

27 ANOS DE LUTA EM DEFESA DA EDUCAÇÃO JABOATONENSE



SEDE:

Rua Alice Azevedo, 91 - Centro
Jaboatão dos Guararapes-PE
CEP 54110-041

☎ 81 3481.1679 | 81 3482.1744

SUBSEDE:

Rua Arão Lins de Andrade, 711 - Galeria Vip Point
Sala 04, Prazeres - Jaboatão dos Guararapes-PE
CEP 54310-355

☎ 81 3096.0305 | 81 3096.0460

CINAFOL:

Rua do Vento, S/N, Lote 56 - Centro
Jaboatão dos Guararapes-PE

☎ 81 3379.3431



81 99402.0299



sinproja@sinproja.com.br



www.sinproja.com.br



Sinproja



@sinproja_jaboatao



TV Sinproja



SinprojaOficial